



LER-VOAR POR MUNDOS INFINITOS

Eixo Temático 07 – CORPOS EM CRIAÇÕES POSSÍVEIS: EXPRESSÕES FILOSÓFICAS, POLÍTICAS E ESTÉTICAS

Clarice Gomes de Almeida¹
Roger Albernaz De Araujo²

RESUMO

O sarau poético foi o voo por outras paisagens. E que, nesta escrita, torna-se conteúdo e expressão do cartografar linhas do pensamento, alinhavadas pelas Filosofias da Diferença de Deleuze e Guattari (2010, 2012). Com ela, vemos que a desterritorialização do território convencional da leitura, do ensino instituído, dos corpos misturados aos livros, fez-se ato de ler-voar a criação de mundos outros. A biblioteca da escola tornou-se lugar de encontros povoados pela literatura de Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Érico Veríssimo, Manoel de Barros, Mário Quintana, Paulo Bomfim, Rubem Alves, compondo personagens leitores no cotidiano escolar. Assim, formou-se a paisagem melódica do ler-voar por mundos infinitos.

Palavras-chave: Leitura, Literatura, Invenção, Criação, Filosofia da Diferença, Poesia.

O LUGAR, AS COISAS E OS PERSONAGENS

O desejo de experimentar a leitura de outros modos na escola do campo, situada no Assentamento Conquista da Fronteira, em Hulha Negra (RS), lugar de atuação da primeira autora como professora, inspirou a realização de um sarau poético que envolveu estudantes, professores da Área das Linguagens e funcionários da escola. Inicialmente foi proposto ao grupo o movimento da leitura de obras escritas por Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Érico

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnologia (PPGEDU) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense, Pelotas (RS), claric.almeida@gmail.com

² Doutor em Educação, Professor, Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense (IFSul), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), rogeraraujo@ifsul.edu.br



Veríssimo, Manoel de Barros, Mário Quintana, Paulo Bomfim e Rubem Alves. Escritores que povoaram outros tempos e outros lugares, outros mundos, inclusive o mundo da primeira autora, que já “conversava” com esses autores, através dos livros que lhe fizeram companhia em diferentes momentos da vida.

Assim foi, naquela noite orquestrada pelo cântico dos grilos, pelo coaxar dos sapos e dos rumores de vozes que, através da leitura, deram outra vida a pequena biblioteca da escola. Invenção de uma paisagem melódica povoada pela literatura de Clarice Lispector, Manoel de Barros, Paulo Bomfim, Rubem Alves, Mário Quintana. Érico Veríssimo, Conceição Evaristo e misturada aos corpos dos personagens leitores no cotidiano escolar. Encontros vividos em instantes de contágios e reverberações de leituras singulares, em que o ato de ler-voar se fez como criação de asas e, com elas, abriram passagens, alçando voos por mundos infinitos.

CRIANDO ASAS

Pode a literatura e a poesia desterritorializar a leitura na escola e promover a criação de outros encontros? Arrancá-la do lugar comum que tem ocupado no ensino e lançá-la a outras possibilidades mais inventivas da vida que nos passa nos lugares que habitamos? São estas inquietações acerca do que experimentamos com o sarau poético na escola que agora tornam-se conteúdo e expressão desta escrita num entrelaçar de linhas alinhavadas pelas Filosofias da Diferença de Deleuze e Guattari (2010). Filosofia como criação de conceitos, movimento incessante que consiste em compor com componentes conceituais, acrescentando-os ou retirando-os, de si mesmos ou de outros conceitos, modificando-os, fazendo surgir novos recortes e novos contornos. Criação é devir: “[...] em uma impermanência das coisas, fazendo mover máquinas de potências minoritárias. [...] instaurar relações correspondentes”; “produzir uma filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a “parecer”, nem “ser”, nem “equivaler”, nem “produzir”. (Deleuze; Guattari, 2012, p. 18-20)

Corpos em devir não se definem, não são formas físicas baseadas na organização biológica, sexista ou cronológica de etapas da vida. Não se resumem às formas pré-estabelecidas de viver o corpo ou a vida. Viver é criação que se faz plano de imanência, um plano que corta o caos, o crivo que estabelece suas determinações e que, recortando-o, dá uma



matéria ao ser e constitui uma imagem do pensamento, uma composição conceitual povoada por personagens conceituais que se movimentem sobre os territórios. “Neles reside a potência da criação dos conceitos e, além de participarem da instauração do plano de imanência, acabam por constituir uma condição de possibilidade do próprio pensamento”. (Voss; Aurich, 2021, p.27).

Desse modo, o pensamento sobre os lugares, as coisas e os personagens são mapeados no percurso numa ação-intervenção de desterritorializações por onde se deslocam: “[...] pontos que tomam em contrapontos as circunstâncias do meio externo”. Criação sempre momentânea de “moradas e estilos”, de “personagens rítmicos” e “paisagens melódicas”, que “compõem-se mutuamente”, “as paisagens”, vão sendo povoadas por personagens e estes vão pertencendo à paisagem”, já que “O território é antes de tudo lugar de passagem”. (Alvarez; Passos, 2015, p. 134).

O princípio era só o desejo de despertar nos estudantes o gosto pela leitura e compartilhar da experiência pessoal de como se deu o encontro com esses nomes da literatura brasileira, e por isso a invenção desse lugar que chamamos de Sarau Poético. Lugar que foi povoado pela experiência, pelas subjetividades que ali transbordaram suas sensações em acontecimentos simultâneos, num entrelaçar de linhas que foram tecendo a invenção.

Essa experiência ensaia um modo de pensar a pesquisa no cotidiano escolar, colocando em funcionamento um ³método inventivo, que procura escapar das metodologias tradicionais que perfazem os caminhos, indicando já um ponto de chegada. O que se deseja é fazer o percurso, recolher as matérias que poderão ser encontradas no território. Um tensor que movimenta essas matérias, suas constantes e suas variáveis afim de que a diferença passe.

OS ENCONTROS, O VOO

O desejo de fazer algo que movimentasse o currículo formal foi a intenção inicial para pensar essa atividade. Nas conversações com os estudantes foi relatada a experiência da

³ Problematisa-se o que se pode reverter da estética da pesquisa acadêmica contemporânea em face de um desejo de poder vir a compor um percurso de discussão dessa temática que não parta de questões a priori, mas preenche os espaços na medida em que as discussões se produzam para que se possa expressar o contexto que se puder encontrar. DE ARAUJO (2018)b



primeira autora com esses escritores e suas obras que despertaram o prazer de ler por sentir-se afetada pelo pensamento dos escritores. Isso levou-a procurar saber mais de suas vidas e de suas obras.

Quem são eles? Clarice Lispector, Conceição Evaristo, Érico Veríssimo, Manuel de Barros, Mário Quintana, Paulo Bomfim e Rubem Alves? Eis o desafio lançado aos estudantes: a proposta de uma pesquisa sobre a vida e obra dos autores. E desse modo trazê-los para o espaço escolar como “visitantes” e por que não dizer velhos e novos amigos que se encontram numa roda de conversa para uma prosa regada de poesia?

Do trabalho de pesquisa sobre vida e arte à criação do sarau poético, inventa-se um lugar, que é preenchido pelas sensações que dão asas a imaginação permitindo o encontro entre escritores e leitores que conectados modificam a paisagem, através da criação de uma atmosfera poética.

“E a magia já vai começar” – Anuncia uma das personagens do sarau. Luzes apagadas, o lento abrir da porta da biblioteca, que faz um breve ruído abafado pelo murmúrio das vozes dos recém-chegados que são convidados a adentrarem o lugar do encontro.

Aquela era então a hora dos livros descenderem das plateleiras e abrirem-se para serem lidos e também ler os seus leitores. É neste instante que os respectivos leitores passam a recitar os escritos: rumores de vozes embalam a noite de sarau e essas vozes que recitam os poetas, traduzem também suas próprias vidas.

O sarau poético desterritorializa o território Deleuze (2010) já preenchido com seus regimes de signos, no momento que uma multiplicidade de sensações ocupa esse lugar movimentando os corpos em relação. A poesia pede passagem para ocupar seu espaço.

Trazer a experiência Larrossa (2022) para o território dessa escrita, que descreve o que se passou num espaço escolar é também deixar-se seduzir pelo prazer do aroma da poesia para registrar esses instantâneos geradores do acontecimento.

É nesse instante que a experiência se faz canto e encanto, o nosso canto, Larrossa, (2022), através do rumor de vozes que recitam os poetas. Podemos então falar desses momentos de acontecimento, de um encontro alegre Espinosa (2009) que provocou diferentes sensações



nesses corpos: ⁴tremores vem a superfície provocados pelo prazer no ato de ler e “sermos lidos”

É sobre o voar, dar asas a imaginação, através da invenção de um ambiente propício para o despertar do prazer de ler e inventar mundos possíveis no imaginário de quem se envolveu nessa atmosfera.

Escritores visitam o lugar e, o que escreveram em tempos outros, agora se atualiza, nesse movimento literário que ao atravessar o currículo formal, cria possibilidades inventivas de leitura.

O POUSO

O sarau poético povoa o território das coisas pré-estabelecidas fazendo outras marcações, que movem constantes e variáveis no momento que uma multiplicidade de sensações ocupa esse lugar, movimentando corpos em relação com os livros, criando personagens leitores.

A magia da literatura pede passagem e a arte do encontro preenche os espaços dos corpos envolvidos. Podemos então falar desses momentos de acontecimentos, de encontros que expandem potências, preenchem a vida.

Pensamos assim a vida em meio às coisas miúdas do cotidiano, como nos diria Manoel de Barros com sua alma de poeta. Nesse lugar inventado, insistimos na criação de uma política de gestos poéticos (Alves, 1990). Ler, conversar, poetizar, fazer dos espaços comuns, lugares potentes.

E assim desejamos, que essa escrita sobre experiência com a literatura exerça uma função de contágio aos possíveis leitores, Blanchot (2005). E que possam criar outros mundos, outras possibilidades inventivas nos territórios em que habitam.

REFERÊNCIAS

⁴ A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então somente então, se converte em canto. E, esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências em outros tremores e em outros cantos. (Larrossa, 2022, p. 10).



ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp. 131-149). Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 131-149.

ALVES, Rubem. **Gandhi**: A política dos gestos poéticos. São Paulo. Ed. FTD, 1990.

BLANCHOT, Maurice. **Um povo por vir**. Tradução Leyla Perrone Moisés. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2005.

CORAZZA; DE ARAÚJO. Método Maquinário de Pesquisa. Pedagogia y Saberes, Perspectivas y métodos de investigación en pedagogía y educación. Nº 49, julio - diciembre de 2018, p. 67-80.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** 3ª ed. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Afonso Muñoz. São Paulo: Editora: 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia, v.2, 2ª. ed. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa, São Paulo: Editora 34, 2012.

LAROSSA, Jorge. **Tremores**: Escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderlei Geraldi. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2022

VOSS, Dulce Mari da Silva; AURICH, Grace Da Ré. Um (sobre)voo panorâmico com a copilotagem da filosofia deleuze-guattariana. In: VOSS, Dulce Mari da Silva (org). **Mulheres escrevendo e pensando com mulheres**: filosofias, infâncias e educação. Rio de Janeiro: Nefi, 2022, p. 25-34.